

DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*. 3. ed. Curitiba: Criar, 2004.

O saber do corpo separado do saber da mente contribuiu para a crise da modernidade, analisada pelo autor João-Francisco Duarte Júnior, que discute na obra *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*, escrita em 2001, sobre a necessidade atual da educação do sensível e propõe que se possa repensar a vida diária com sensibilidade, tornando-se uma leitura envolvente que realmente nos faz questionar o cotidiano na busca da compreensão de uma forma própria e plena de viver.

Afirmações que envolvem a natureza sensível parecem causar um completo estranhamento e até antagonismos quando propostas para o ensino. A racionalidade moderna tentou silenciar os saberes do corpo que permitem o saber de si mesmo, da identidade do corpo, mas precisamos deixá-los emergir, especialmente por meio da experiência sensível na arte, que nos permite ampliar a percepção e a sensibilidade.

Nessa obra, o autor, com a colaboração de outros escritores, resgata aspectos históricos da modernidade que afirma terem contribuído para desencadear a crise na sociedade atual e destaca a necessidade urgente de dar maior atenção a uma educação do sensível que ele afirma poder chamar-se educação estética para o desenvolvimento e refinamento dos sentidos, pois tudo que aprendemos do "mundo vivido" é pela sensibilidade e pela percepção, destacando, ainda, que essa é uma tarefa urgente no mundo contemporâneo que parece enredado numa crise sem precedentes na história da humanidade.

144

No capítulo inicial do livro, o autor focaliza alguns fenômenos da Idade Moderna e suas contribuições para a realidade contemporânea que se configura numa crise definida por ele como "crise da modernidade", acompanhando aspectos históricos que levaram a constituir um tipo de conhecimento especializado e intelectual desvinculado da realidade e da vida humana. Nesse contexto, o autor discute sobre três temas: a supremacia econômica ditando as regras; o corpo com seus saberes que foi comparado a uma máquina e separado da mente racional e instrumental, compreendendo que a dualidade corpo/mente, subjacente à divisão sujeito/objeto, imprescindível à ciência, precisa ser superada focalizando um saber mais abrangente e integrado.

Uma discussão mais aprofundada do saber sensível, desvalorizado e desprezado, e do conhecimento inteligível como verdadeiro e confiável é instaurada no terceiro capítulo. Para Duarte Júnior, saber e conhecer são distintos: o saber está mais relacionado com o sensível, que se elabora a partir das experiências sensoriais transformadas em aprendizagens significativas, e conhecer refere-se ao inteligível, compreendendo o intelectual e tendo uma estrutura cientificista fundamentada em qualidades mensuráveis e objetiváveis pela razão. O corpo é abordado como ponto de partida para os saberes humanos, cuja integridade precisa ser retomada. A existência realiza-se no corpo, e é por meio dele que podemos estar-no-mundo, compreendê-lo e encontrar uma significação para ele.

Observamos que o corpo é condição de vida e existência, cuja pluralidade e complementaridade se expressam na corporeidade. Atualmente, o contexto social fragmentado tenta silenciar a sabedoria do corpo e sua linguagem sensível, abandona essa condição, priorizando a materialidade, um corpo de consumo, de imagens idealizadas,

sem identidade, sem experiências sensíveis que o autor afirma repousar sobre interesses econômicos e suas implicações culturais decorrentes, propondo a reflexão da globalização e das mudanças no cotidiano das pessoas e a atenção às percepções do mundo.

O autor também faz a diferenciação do sensorial e do sensível afirmando que a experiência sensorial compreende todas as nossas percepções do corpo por meio dos sentidos, registrando e aperfeiçoando estímulos elementares táteis, visuais, auditivos, sonoros naquilo que se apresenta no mundo; a experiência sensível é constituída de sentidos e significações mais complexos, elaborados um pouco mais além das vivências sensoriais; pode ser equiparada à experiência estética proporcionada pela arte, que se utiliza das percepções sensoriais, dos sentidos e significados refletidos, articulando relações na corporalidade.

O saber sensível está no nosso cotidiano, no senso comum, faz parte das nossas tradições; são saberes múltiplos que podem ser capazes de proporcionar o reencontro da essência perdida ao longo da vida. Assim, o autor afirma que o saber é corporal, pela capacidade humana de sentir com o corpo; tudo é apreendido primeiramente pelos sentidos, pois, ao olhar, tocar, cheirar, ouvir, saborear, o corpo dá conta desses registros. É um saber entranhado no organismo por ser muito mais do que habilidades, é uma sabedoria incorporada a ele que Duarte Júnior aborda como um fundir-se ao corpo, um saber que está integrado nele como uma qualidade.

Atualmente o nosso corpo está acomodadamente deficiente, ou seja, recebe as informações sensoriais do mundo externo, mas não as percebe, não presta atenção naquilo que é sentido. Essas afirmações, portanto, só vêm a reforçar a necessidade atual, e até urgente, de uma educação do sensível como educação do sentimento, que se encontra no âmbito da educação estética, a qual, ao fazer confluir as informações dos sentidos e da percepção, constrói uma elaboração mais ampla, completa e abrangente.

Duarte Júnior esclarece que se trata de voltar ao verdadeiro sentido da palavra "estética", que vem do grego *aisthesis*, indicando a capacidade primeira do ser humano de sentir a si próprio e ao mundo num todo integrado; em português, o termo se traduz como "estesia", com o mesmo sentido da estética. O autor ainda salienta que poderíamos dizer que é uma volta para desenvolver e apurar os sentidos, na qual os educadores devem centrar sua atenção para construir uma educação do sensível.

Desenvolver a sensibilidade começa na atenção e educação dos sentidos como um todo, alcançando níveis mais complexos de estesia, isto é, a educação do sensível como saber construído pelos sentidos e pelas percepções de si mesmo e do mundo. Nessa conspiração, a arte tem fundamental participação, pois sua apreensão se dá, inicialmente, pela sensibilidade. Portanto, a educação do sensível num todo mais abrangente, no seu gradativo desenvolvimento, conduzirá à educação estética como uma forma de perceber e significar o mundo, refletindo sobre a condição de fazermos parte dele e nele interagir.

A educação do sensível defendida por Duarte Júnior, da qual faz parte aprender e ensinar arte para a ampliação da pessoa como uma totalidade, propõe a apropriação do saber sensível, a nossa primeira forma de apreensão do mundo, que, aliada à expressão por meio da arte, constitui uma das possibilidades transformadoras da existência. Ele escreve que a arte pode contribuir de modo especial para a educação do sensível desenvolvendo e promovendo as percepções e os sentimentos da realidade vivida, e não

apenas como uma possibilidade de descobrir formas inusitadas de sentir e perceber o mundo.

Assim, a arte pode ser pensada como facilitadora de relações que possam mostrar o sentido da vida às pessoas, mobilizar ordenações e desordenações num conhecer mais profundo de si mesmo, provocar o encontro do mundo interno com o mundo externo, quando atribuímos a devida atenção ao despertar da sensibilidade para com a vida mesma.

Ao final do livro o autor aborda com mais proximidade a questão central que é a educação da sensibilidade na contemporaneidade, resgatando escritos de Herbert Read sobre a educação estética entendida como educação do sensível, e ampliando para uma educação dos sentidos a partir do cotidiano, evoluindo e chegando até o ensino da arte pautado nas vivências, experiências e reflexões pessoais dos educandos.

A estética que compõe a pós-modernidade caracteriza-se pela abrangência de diferentes concepções e não se refere apenas à arte. Para fundamentar essas afirmações Duarte Júnior também dialoga com os autores Lowenfeld e Brittain, que escrevem sobre a estética compreendendo uma integração mais profunda do pensamento, do sentimento e da percepção, provocando maior sensibilidade em face da existência revelando-se como objetivo principal do ensino.

Reconhecemos a validade de uma educação dos sentidos que possa ser compartilhada no ensino da arte, reforçando a importância de prestarmos atenção a essa possibilidade de conhecer, de trocar energias pelo tato, pela pele, pelo olhar, desenvolvendo a sensibilidade. A atenção a esses sinais pode trazer mais sentido à existência de cada um, abrir-nos aos saberes do corpo e a uma vivência expressiva e transformadora, que pensamos ser significativa para a educação.

Nas páginas finais, Duarte Júnior escreve que não intenciona apenas questionar o conhecimento instaurado na modernidade com suas contribuições e prejuízos que foram se agravando, mas destaca o perigo dos extremos tanto da sensibilidade quanto da inteligibilidade e que a busca está no equilíbrio – se é que podemos afirmar que haverá um equilíbrio ou, melhor, uma complementaridade – entre a compreensão do saber racional e o saber com o corpo para o entendimento mais amplo da vida e a reorientação do estar-no-mundo. O autor finaliza considerando que o investimento numa educação do sensível, além de contribuir para o desenvolvimento de pessoas mais plenas e inteiras nas suas relações com o mundo, também contribui para a criação dos princípios humanos sobre os quais poderemos elaborar novos parâmetros do conhecimento, para o saber mais fundamental: o saber viver.

### **Viviane Diehl**

---

Mestre em Educação, arteterapeuta e especialista em cerâmica pela Universidade de Passo Fundo (UPF), RS. Arte-educadora no curso de Artes Visuais da Unochapecó e da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoeste), campus de São Miguel do Oeste e Xanxerê, SC. Gerente de criação do Atelier Vivie Diehl.

vivianediehl@annex.com.br